

ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES URBANAS ATRAVÉS DE DESENHOS: O CASO DA PRAÇA DA GRAÇA - PI

(1) Isis Meireles

Centro Universitário UNINOVAFAPI

Prof. Msc. do curso de Arquitetura e Urbanismo – UNINOVAFAPI

E-Mail:isis@uninovafapi.edu.br

(2) Alcilia Afonso

Prof. Dra. do curso de Pós Graduação em História do Brasil – UFPI

Coordenadora do Grupo de Pesquisas Modernidade Arquitetônica

E-Mail:kakiafonso@hotmail.com

(3) Aracelly Magalhães

Prof. Msc. do Centro Universitário UNINOVAFAPI

Coordenadora do curso de Arquitetura e Urbanismo – UNINOVAFAPI

E-Mail: ammagalhaes@uninovafapi.edu.br

RESUMO

O presente trabalho trata do estudo da morfologia urbana através da construção de desenhos apresentando como caso o estudo realizado acerca das transformações morfológicas urbanas ocorridas no espaço delimitado pela Praça da Graça, Estado do Piauí, Município de Parnaíba, Brasil, durante o período da ditadura militar no país. Possui como objeto de estudo o espaço delimitado pela Praça de Nossa Senhora das Graças, ou Praça da Graça, seus equipamentos e configuração urbana durante o período de sua formação, que se consolidou como lugar de memória na sociedade, símbolo de identificação de uma sociedade cuja trajetória deve ser preservada como patrimônio histórico e cultural.

Palavras chaves: Praça da Graça, morfologia urbana, patrimônio.

ABSTRACT

This article talks about urban morphology study through construction drawings presented as if the study about the urban morphological changes occurring in the area bounded by the Praça da Graça, Piauí State, city of Parnaíba, Brazil, during the period of the military dictatorship in the country. Has as the object of study space delimited by the Praça de Nossa Senhora das Graças or Praça da Graça, their equipment and urban setting during the period of its formation, it has established itself as a place of memory in society, identification symbol of a society whose path should be preserved as historical and cultural heritage.

Key words: Praça da Graça, urban morphology, patrimony

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata do estudo da morfologia urbana através da construção de desenhos apresentando como caso o estudo realizado acerca das transformações morfológicas urbanas ocorridas no espaço delimitado pela Praça da Graça, Estado do Piauí, município de Parnaíba, nordeste do Brasil, durante o período da ditadura militar no país (1964-1985). Possui como objeto de estudo, o espaço delimitado pela Praça de Nossa Senhora das Graças, conhecida por “Praça da Graça” (Figura 1), seus equipamentos e configuração urbana, bem como os perfis das edificações fronteiriças à mesma, localizadas nas ruas Oscar Clark, Pires Ferreira e Vereador Alcenor Candeira.



Figura 1: Localização do objeto de estudo
(IPHAN com modificações da autora, 2008)

O objetivo geral desse trabalho é analisar transformações urbanas inferidas na Praça da Graça e suas contiguidades, com foco, nos anos do Regime Militar brasileiro através da construção de desenhos. Os objetivos específicos são identificar essas alterações morfológicas e analisá-las metodologicamente através de um olhar estilístico, urbano e arquitetônico, historicizando as múltiplas alterações no sítio em estudo até a contemporaneidade. O presente trabalho visa contribuir para investigações em história urbana, estimulando novas pesquisas no âmbito da paisagem urbana histórica, de conjuntos históricos piauienses, através do estudo das transformações arquitetônicas ocorridas no logradouro da Praça da Graça, em Parnaíba, e de seu entorno, da análise das mesmas e do contexto em que ocorreram. Justifica-se a pesquisa pela inquietação de compreender e conhecer melhor as alterações de um cenário constantemente lembrado e narrado por seus conterrâneos e pela relevância do sítio em que o objeto de pesquisa se encontra. O conjunto escolhido integra a Paisagem Urbana Histórica de uma cidade de potencial turístico e econômico para o Piauí e vizinhança, sendo parte integrante do Conjunto Histórico Praça da Graça, tombando pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, no ano de 2008.

2 HIPÓTESES

O desenvolvimento da pesquisa, realizada para o Programa de Pós Graduação em História do Brasil da UFPI – mestrado, sob orientação da Prof. Dra. Alcilia Afonso, partiu de um questionamento central, sobre qual a relação entre a arquitetura do entorno, o território da Praça da Graça e o desenvolvimento urbano, político e social da cidade? A partir dessa problemática inicial, outras questões se fizeram presente para a compreensão da evolução do objeto de estudo, tais como: Quais as condições históricas que possibilitaram as transformações em questão? Que práticas foram adotadas para atualização urbana do objeto de estudo no período analisado?

O estudo partiu da seguinte hipótese: As transformações sociais e políticas encontram-se refletidas no panorama urbano e arquitetônico da Praça da Graça. Intervenções que transfiguram o traçado urbano e a arquitetura da cidade possuem uma conotação e um sentido, não se limitando apenas a modificações

formais, mas intencionando atingir “sociabilidades e valores do povo.” Portanto, se faz necessário, para esclarecer as questões expostas acima, investigar as relações políticas e as transformações econômicas cujos sinais encontram-se nas modificações espaciais e formais da paisagem estudada. Para tanto, recorreu-se ao desenvolvimento de desenhos que buscavam reconstruir o traçado e as fachadas do objeto de estudo, de maneira a tornar mais compreensíveis as transformações buscadas.

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada trabalhou com dois métodos: O da pesquisa histórica e a pesquisa arquitetônica e urbanística. A pesquisa histórica possui natureza funcional sendo essencial para o entendimento de um objeto analisado, a pesquisa arquitetônica e urbanística considera que as edificações se constituem como fonte de memória de uma época e sociedade. O método utilizado foi apresentado por Serra (2006) em seu livro *Pesquisa em Arquitetura e urbanismo / Guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós-graduação e fundamenta a análise de componentes arquitetônicos e urbanos em sistemas e processos. Sistemas no que se refere à delimitação do objeto e de seus componentes e processos relacionando com as sucessões dos diferentes estados do sistema. Nessa pesquisa considera-se a Praça da Graça como sistema e buscar-se-á compreender os processos pelos quais ela passou.*

Igualmente como o texto constitui uma linguagem com mensagens e significados, as fontes visuais podem ser consideradas itens constituintes de um discurso expresso em um código diferente da narrativa escrita. A iconografia seria um “lugar no tempo” enquanto o texto seria “um momento no espaço” (Lima; Carvalho, 2009). Para Pesavento (2008), as imagens representam um tipo de linguagem com intenção de comunicar ou ainda uma possibilidade de “refazer o mundo através de um conjunto de sinais” (Pesavento, 2008:100). Nesse sentido, as representações imagéticas surgem com valor documental, de evidência e “testemunho de costumes” (L.; C.; 2009:41). Quando atinge o tempo presente, as imagens do passado se colocam como uma possibilidade de reconstrução das razões e sensibilidade de tempos antigos. É possível, a partir de evidências visuais, apreender fragmentos de uma realidade de múltiplos sujeitos, objetos e espaços urbanos dotados de significação social.

Partindo do pressuposto acima, foram feitas simulações da planta do objeto de estudo, baseadas na observação de fotografias presentes no acervo iconográfico estudado, constituindo-se um método de observação e análise que serão apresentados nesta pesquisa. Utilizando-se a semiótica planar (Cardoso; Mauad, 2010) os traçados do objeto de estudo foram representados iconicamente a partir de desenhos criados com auxílio de softwares CAD e realizados a partir da observação do acervo iconográfico do local e seu entorno, a fim de atingir os objetivos específicos da pesquisa, ampliando a inteligibilidade das formas urbanas e arquitetônicas.

4 CASO

4.1. Referencial Teórico

A Praça da Graça deu início à vida urbana de Parnaíba. Buscou-se então a compreensão acerca da formação das primeiras vilas e cidades brasileiras. A concepção espacial portuguesa implantada nas vilas brasileiras coloca logradouros como o da praça como centro da cidade, trazendo para junto de si os edifícios institucionais e compondo um espaço voltado para a reunião popular. As edificações possuíam implantação e alinhamento das estruturas arquitetônicas e urbanísticas bem definidas, que se explica pela existência de padrões ordenadores vinculados à tradição portuguesa (Caldeira, 2007). Essa locação criava superfícies edificadas contínuas, que, por se situarem ao redor da praça, eram dotadas de maior visibilidade e para tanto, recebiam maior apuro formal e estético em sua arquitetura. Assim, utilizaram-se as pesquisas de autores como Reis Filho (1978) para compreensão da formação das cidades brasileiras e Caldeira (2007) que trabalhou as praças no Brasil. O aporte teórico utilizado na revisão da literatura e construção sobre o tema de cidade e espaços públicos abordou Michael Certeau (1998), Jaques Le Goff (2013), Françoise Choay (2001), Aldo Rossi (1998) e Henri Lefebvre (2008). No aporte teórico arquitetônico buscou-se autores como, Frampton (1997), Koch (2004), Sitte (1992), Cullen (2006), essenciais para compreensão e caracterização das formas urbanas, volumétricas e arquitetônicas dos edifícios históricos. E, para a construção do contexto histórico piauiense e parnaibano nas décadas de 1970 e 1980 recorreu-se aos trabalhos de autores como Nascimento (2002), Queiroz (2001), Afonso e Negreiros (2010).

4.2. Parnaíba. Antecedentes históricos

No recorte temporal em estudo, o Brasil encontrava-se egresso no que chamavam de 'milagre econômico'. Para Paul Singer (1977:9) "o desenvolvimento econômico constitui um processo histórico de mudança global da sociedade." Isso promoveu e financiou a característica desenvolvimentista e transformadora evidente no período, e, de maneira mais enfática na gestão de Alberto Tavares Silva, governador do Piauí nos anos de 1971-1975.

O Piauí seguia o modelo de progresso praticado no restante do país. O governo instalado a partir do golpe militar em 1964 "outorgava-se o direito de, em nome do progresso, promover quaisquer meios para atingi-lo". Eram as estratégias da ditadura para cercar quaisquer táticas de contestação. Lefebvre (2008:127) afirmava que "o urbanismo, enquanto ideologia dissimula estratégias." Isso porque as alterações urbanas eram utilizadas nesse momento como meio de ordenamento territorial, organização e coação social.

Teresina empreendia grandiosas obras de infraestrutura que veiculavam no imaginário popular a onírica modernidade. Para Marshall (2007), nos países emergentes do séc. XX, como o Brasil, o modernismo acontece mais como uma ideologia, ou seja, modernidade, com seu caráter onírico e expressão do desejo de desenvolvimento do que de fato como realidade social. Parnaíba não acompanhava nesse momento, em termos financeiros, o progresso e as transformações da capital. Com a retração da economia instalou-se a marginalização, o abandono e a degradação urbana e arquitetônica (Mendes, 2012).

Na tentativa de alcançar o avanço vislumbrado na capital e em outras cidades do estado e da nação, as forças políticas do período propuseram e realizaram uma série de transformações modernizadoras na cidade, fugindo do aparente atraso e estagnação. Entre estas medidas encontrou-se a total destruição do traçado da Praça da Graça existente, edificada em estilo eclético (1º Momento) e criou-se um espaço público novo, no mesmo local, de traçado completamente distinto do anterior (2º Momento).

4.3. Praça da Graça: 1º Momento

Foi realizada uma reconstituição bidimensional de duas configurações urbanas históricas que constituem esse 1º Momento, a partir da análise de imagens do acervo histórico. O traçado inicial era constituído por dois logradouros, Largo da Matriz, defronte à Igreja de Nossa Senhora das Graças e largo do Rosário, defronte à Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos pretos, separados por uma importante via, atualmente extinta, a Rua da Glória. Criado ainda nos anos 20, foi incorporado a extensas áreas verdes gramadas e caminhos semicirculares entrecruzados, componentes do projeto.

Para melhor compreensão das análises sobre o traçado e a volumetria dos edifícios do entorno, efetuou-se a reconstituição desse traçado inicial, a localização das edificações que deram origem aos dois espaços: Igreja do Rosário e Igreja Matriz. Fez-se necessário também a identificação dos pontos de vistas em planta baixa, das imagens a serem analisadas logo mais, no texto, explorando a visão serial dos segmentos do entorno analisados no objeto de estudo.

O Largo do Rosário apresenta menores dimensões que o largo da Matriz e observam-se dois espaços em suas extremidades onde funcionavam postos de gasolina. No largo do Rosário, o traçado era de múltiplos caminhos, semelhantes a um labirinto, que transformam a travessia em local de encontro. Sua configuração era marcadamente geométrica, formal, racional e clássica, que insere a estética urbana como "símbolo de uma ordem social e governamental" (Caldeira, 2007:27). A vegetação de médio e pequeno porte permitia a plena contemplação das fachadas edificadas e que os bancos e mobiliários encontravam-se espaçados de maneira ordenada. As casas que compunham os perfis visualizados eram em sua maioria em estilo colonial, germinadas, com portas e janelas bem marcadas e pequenos beirais, mas há também, na Rua Oscar Clarck, fachadas que já se configuram no estilo eclético, com platibandas e a presença de alguns ornamentos.

A figura 02 traz a reconstituição dessa 1º configuração do 1º momento em planta baixa.

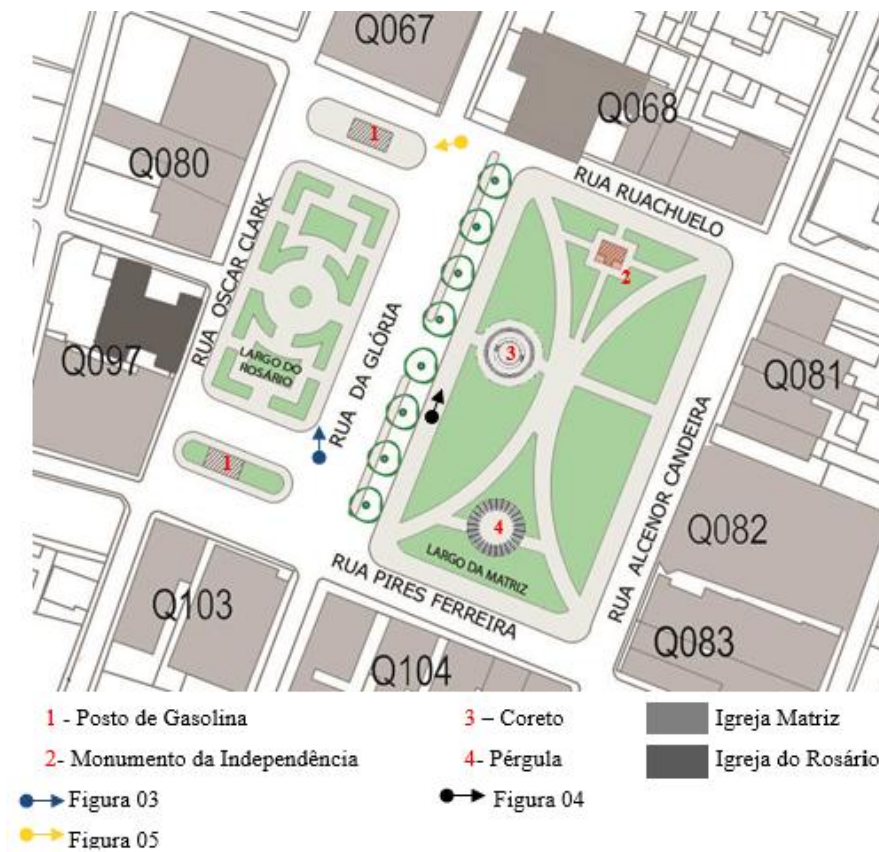


Figura 2: Jardim do Rosário e Largo da Matriz
(Elaboração própria da autora, 2013)

Na figura 03 vê-se o Jardim do Rosário, uma parte do frontispício da Rua Oscar Clark e do antigo prolongamento da Rua Riachuelo, mais ao fundo.



Figura 03: Jardim do Rosário
(IHGGP, sem data)

Observa-se na figura anterior que o caminho que atravessa horizontalmente o espaço, passando pelo coreto, continha palmeiras em toda sua extensão, plantadas lateralmente e seguindo um mesmo alinhamento (figura 04).



Figura 04: Largo da Matriz
(Helder Fontenele, sem data)

Na imagem, os postes de iluminação trazidos da Inglaterra e os bancos dotavam a paisagem de ritmo, encontrando-se alinhados ao desenho urbano. Também traziam em si a relação de escala, tornando a utilização do grande espaço vazio mais próximo do homem, dinamizando os percursos da área. O mobiliário de ambos os largos eram padronizados. A igreja Matriz aparece ao fundo, possui sua silhueta destacada em relação às demais construções do frontispício em que se encontra devido à sua escala, monumental quando relacionada com o meio em que se insere.

É possível identificar também o monumento da independência, centralizado em relação à dimensão transversal do logradouro. Já o coreto encontra-se deslocado do centro do largo porém defronte à Igreja de Nossa Senhora da Graça. Do ponto de vista do usuário, todo o espaço ao redor dos dois espaços é tangível e perceptível.

Alguns elementos se destacam no sentido vertical do olhar, construções que, devido a sua altura em relação aos demais, atraem o olhar do observador. É o caso do edifício sede do banco do Brasil, que polariza o olhar das fachadas da Rua Pires Ferreira. Na figura 05, vê-se uma imagem capturada provavelmente do alto da Igreja Matriz, que mostra uma aglomeração social em torno de um dos dois postos de gasolina existentes. Novamente os registros apontam a praça como “lugar de todos”.



Figura 05: Vista do local de abastecimento de veículos
(Helder Fontenele, sem data)

A formação desses agrupamentos populares era possível devido à configuração morfológica do local, com traçado de características classicizantes regulares, planas e formais (Caldeira, 2007). Em contraste com os quarteirões edificados de influência colonial, a geometria plana das Praças facilitava a aglomeração de multidões e dava visibilidade a quaisquer manifestações, uma vez que muitos edifícios institucionais e socialmente relevantes encontravam-se ao redor desse vazio urbano. A segunda configuração urbana da Praça no seu primeiro momento considera a modificação de traçado, já na década de 60, em decorrência

da instalação de um relógio na porção centro sul do Largo da Matriz, que resultou na adição de espaços aos passeios já consolidados. Ocorre também a transformação do posto de gasolina da porção sudeste do logradouro em um bar, “bar do gago”. Também houve uma alteração de uso da porção noroeste, extinguindo o local de abastecimento em prol da pavimentação para o local que seria a entrada do “Cine Gazeta”, atual localização do Hotel Delta na quadra 067. A figura 06 apresenta essas alterações.

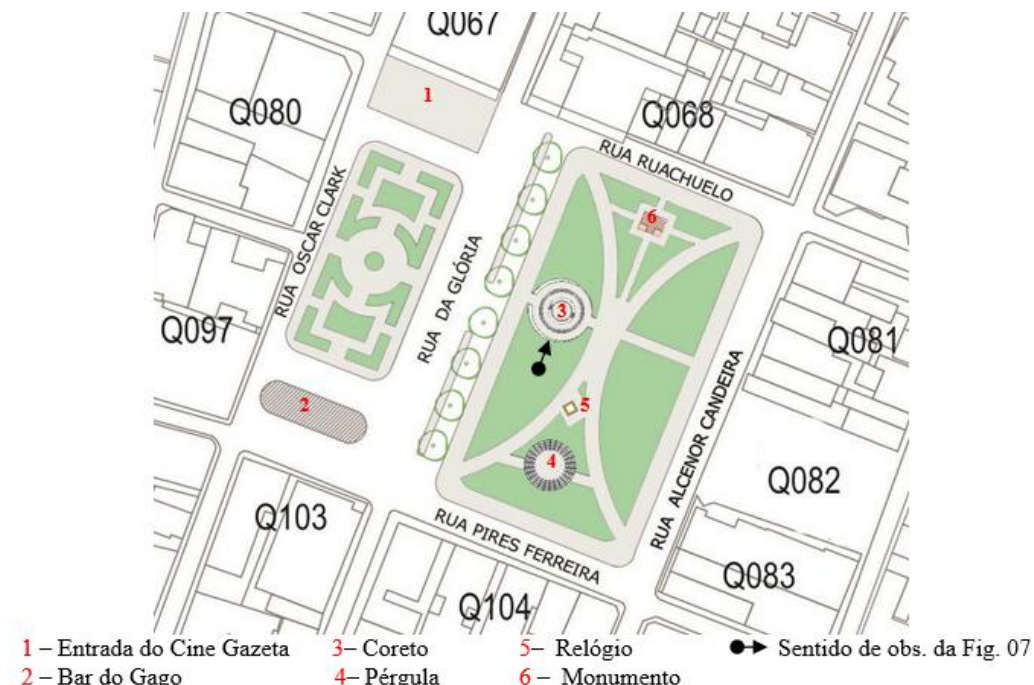


Figura 06: Segunda configuração do Jardim do Rosário e Largo da Matriz
 (Elaboração própria da autora, 2013)

Na figura 07 é possível identificar na lateral esquerda da foto o relógio instalado no cruzamento e, como plano de fundo, à esquerda da imagem, a construção do que viria a sediar o Cine Gazeta, sobressaindo-se junto às demais por sua verticalidade em relação às demais edificações do perfil urbano.



Figura 07: Praça da Graça em meados da década de 60
 (Helder Fontenele, 196?)

A Igreja matriz também compõe o cenário, estando em forma semelhante à atual. Quase na centralidade da imagem observa-se o coreto. Os bancos e a presença de alguns usuários finalizam o registro histórico do antigo Largo da Matriz, em pleno uso, em meados da década de 60. A composição dos dois Jardins pode ser traduzida, segundo Caldeira (2007:27) pela “função de elemento estruturante do desenho urbano, definida por uma rígida geometria”, agora composta de perspectivas oriundas de vias retas e praças

formais. O plano de estudo visualizado de cima da figura 08 foi de fundamental importância para a construção dos traçados bidimensionais apresentados anteriormente. Nele, identifica-se com facilidade a estrutura do bar e a extinção do posto de gasolina da parte superior do campo visual, já apresentando a construção do atual Hotel Delta concluída.



Figura 08: Praça da Graça em meados da década de 70
(Helder Fontenele, 197?)

Embora a copa das árvores não permita observar o desenho do projeto por inteiro, as relações de proporção do traçado, largura dos passeios e circulação, bem como a localização dos monumentos (relógio, pérgula, monumento da independência) pode ser feita sem impedimento. Os desenhos apresentados, salvo as diferenças temporais e estéticas, denotam e referenciam a praça do conhecido como “período de progresso econômico e intensas trocas comerciais.” Lepetit (2001:148) em seu texto sobre lugares urbanos e memória coletiva afirma que “Já que todas as condutas do grupo são cristalizadas por hábitos, elas registram configurações espaciais passadas.” Assim, o sítio apresentado configuraria o espaço das relações sociais da primeira metade do séc. XX, rompida ao final dos anos 70, onde se materializaram as mudanças da sociedade parnaibana no período.

4.4. Praça da Graça: transformações urbanísticas e arquitetônicas do objeto (2º Momento)

O modernismo possuía em sua essência a ideologia de se diferenciar de antigas tradições, especialmente com o movimento anterior de historicismo, buscando inovar nas construções e no comportamento social. Foi escolhido como estilo nacional, entre outros fatores, por encontrar-se em sintonia com o que acontecia no cenário internacional, o desenvolvimento de novos sistemas estruturais e indo de encontro com a necessidade formal de “um Estado que se queria novo” (Cavalcanti, 1999) como ocorria no período, sobretudo no governo de Getúlio Vargas. No período estudado, muitas edificações que compunham o entorno imediato da Praça da Graça foram retiradas para dar espaço às novas construções modernas, a exemplo da tipologia institucional adotada, de características pré-estabelecidas e materiais mais avançados. Isso porque, para os expoentes do modernismo internacional, Gropius e Le Corbusier “a arquitetura moderna traduzia um momento de ruptura com a sociedade anterior.” (Cavalcanti, 1999:180) As novas construções isentas de ornamentos, com dimensões monumentais, que utilizavam materiais típicos da produção em massa como o ferro e o vidro varreram antigas edificações ornamentadas de estilo eclético ou colonial, ‘modernizando’ as cidades e livrando-as em parte do que era considerado antiquado. As rupturas mais intensas na paisagem urbana estudada ocorreriam a partir do governo de João Batista Ferreira da Silva. Eleito prefeito em 15 de novembro de 1976, governando até 1982. Recebeu a cidade com os logradouros públicos bastante deteriorados. A Praça, que anteriormente já havia sido uma das mais belas, encontrava-se em situação precária de uso ou de proporcionar lazer à população. Era iminente e necessária uma grande reforma. Partindo dessa necessidade e sem recursos para ser executada pela administração municipal, o prefeito firmou um convênio no valor de seis milhões de cruzeiros em 1979 destinados à reconstrução da praça com o Governo do Estado. Essa reforma constitui-se em um dos principais acontecimentos municipais no período e será analisada mais profundamente no item a seguir. Baseada nas concepções modernas de desvinculação com o passado para realização do novo projetou-se uma praça completamente distinta da anterior, palco das memórias coletivas por sediar importantes

acontecimentos históricos. Isso alterou significativamente a relação de identidade dos usuários com o local. O projeto aprovado pela Secretaria de Obras foi encomendado junto ao tradicional escritório Borsoi, em Recife, reconhecido nacionalmente por seus trabalhos. Com as obras já iniciadas pela construtora Engene, notou-se que a nova praça não atendia as exigências em contrato, porém autores locais relatam que o motivo para a total demolição foi a leitura errônea do projeto recebido do escritório contratado pelos assessores do prefeito, que não possuíam conhecimento técnico para tal, transformando a referida praça em local de estacionamento.

A praça original dividida em duas partes e que possuía enorme apego sentimental pela população daria lugar a um projeto do Design Gerson Castelo Branco, completamente distinto inserido no contexto de modernização. O paisagismo remetia ao praticado no período por Roberto Burle Marx, autor dos jardins de obras relevantes da arquitetura brasileira, sobretudo de logradouros públicos e parques e que se encontrava associado a “expressiva e divulgada arquitetura moderna brasileira, especialmente nas décadas de 40 e 60, da qual foi o arquiteto paisagista oficial” (Macedo, 2015: 17). A nova proposta urbana significou uma mudança de postura projetual, priorizando a concepção moderna de praça como espaço livre de circulação e área verde nativa (Caldeira, 2007) com traçados geométricos de inspiração abstrata e natureza funcional. Surge um lago artificial iluminado, de formato semicircular. As áreas verdes antes regulares e rígidas passam a ter seu espaço delimitado inspirado numa concepção radial da praça, onde o espelho d’água torna-se o ponto de convergência. Observam-se amplas áreas com pouca variação de espécie e ausência de foco perspectivo na utilização do usuário. A vegetação nativa desse tipo de concepção moderna de espaço público foi exaltada, característica recorrente do sentimento nacionalista existente no período. Outros elementos típicos do estilo arquitetônico abordado foram as placas de concreto na passarela sobre o espelhos d’água, criando circulações específicas e direcionadas que aproximavam o usuário da fauna e da flora inserida a partir da criação do lago artificial. Os demais caminhos de passagem foram pavimentados com pedra portuguesa, material, segundo Macedo (2015), herdado das concepções de paisagismo de estilos anteriores. A figura 09 contém a planta baixa do novo projeto, onde se vê a disposição espacial das áreas verdes e dos principais equipamentos urbanos fixos como o novo coreto, o antigo monumento da independência (que foi preservado), um novo bar e os espelhos d’água. Ao todo são cerca de 10.800m² de área, obtidos com a integração de todo o espaço, obtidos a partir da interrupção da antiga Rua da Glória, atual Rua Monsenhor Joaquim Lopes, entre as quadras Q067 e Q068, e da pavimentação do antigo prolongamento da Rua Riachuelo, que passava em frente à igreja Matriz. Para melhor compreensão das análises que se seguem, foram identificadas as posições do observador no plano bi dimensional na praça, trabalhando a perspectiva do usuário na apreensão do espaço urbano.

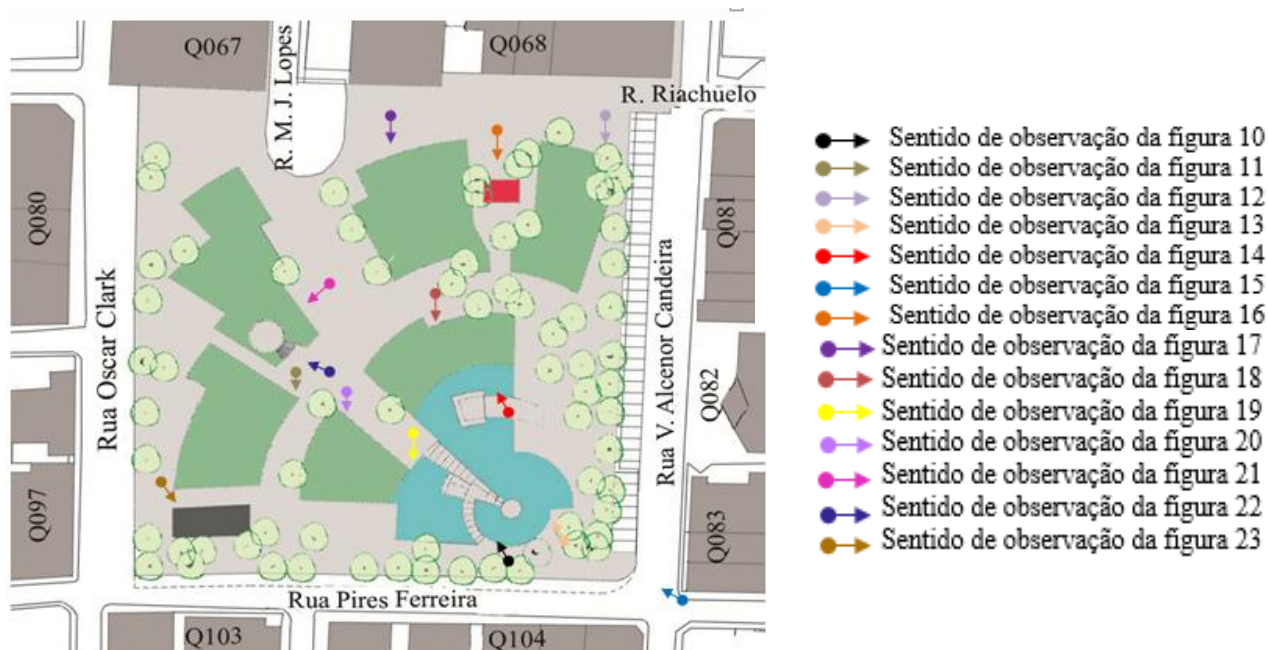


Figura 09: Praça da Graça (2º Momento)
(Elaboração própria da autora, 2013)

Os passeios foram dispostos de maneira que não são possíveis grandes concentrações populares, tendo como ponto de convergência a centralidade dos espelhos d'água, localizados na porção sudeste do logradouro. As circulações representam 67% da área de todo o espaço e são pavimentadas com pedra portuguesa, material, segundo Macedo (2015), herdado das concepções de paisagismo de estilos anteriores, sobretudo o eclético. Foram adicionadas áreas para estacionamento de veículos nas laterais da Praça, novas exigências da evolução urbana. Os agenciamentos paisagísticos seguem a mesma linha de implantação radial, sendo entrecortados por áreas de circulação. As formas geometrizadas se mantêm concêntricas ao ponto de implantação radial dos espelhos d'água. Todo o paisagismo do projeto da Praça da Graça remetia ao praticado no período por Roberto Burle Marx, autor dos jardins de obras relevantes da arquitetura brasileira, sobretudo de logradouros públicos e parques e que se encontrava associado a “expressiva e divulgada arquitetura moderna brasileira, especialmente nas décadas de 40 e 60, da qual foi o arquiteto paisagista oficial” (Macedo, 2015:27). Em seu trabalho, valorizava o ecossistema local e a livre implantação da vegetação nativa em suas composições. A vegetação nativa desse tipo de concepção moderna de espaço público foi exaltada por Gerson Castelo Branco, que se utilizou de palmeiras, carnaúbas e outras vegetações características da região, exaltando o sentimento nacionalista existente no período, como pode ser observado na figura 10 onde se apreende o conjunto área verde e espelhos d'água. Nas áreas verdes, observam-se amplas áreas com pouca variação de espécie e ausência de foco perspectivo na apreensão do usuário. É perceptível que a implantação de espécies de grande porte não dá continuidade às edificações circundantes, dificultando a percepção do ambiente (figura 11).



Figura 10: Vista da Praça da Graça (2º Momento)
(Arquivo Cosme Sousa, 2010)



Figura 11: Apreensão espacial na Praça
(Elaboração própria da autora, 2014)

As árvores, inclusive, não se restringem ao delimitado pelos canteiros, encontrando-se espalhadas por todo o espaço (figura 12) incluindo as circulações, criando áreas de proteção solar e zonas de uso que reforçam o carácter funcional do projeto. A Praça torna-se então um bolsão verde, refletindo novamente em seu projeto as intenções modernas que se encontravam sendo praticadas por todo o país na busca de melhores condições ambientais das urbes. O conjunto formado pelo traçado urbano e vegetação nativa desse segundo momento da Praça interfere radicalmente na paisagem urbana, até porque, conforme observado, o paisagismo não se restringe apenas às delimitações do canteiro, e sim, foi utilizado por toda a extensão da Praça causando um contraste intencional entre espaço verde e a massa construída circundante. Em contrapartida, a utilização dos espelhos d'água permitiu a reflexão da abóbada celeste, diminuindo as sensações de confinamento causadas pela densa copa das árvores (figura 13).



Figura 12: Áreas de proteção solar
(Elaboração própria da autora, 2014)



Figura 13: Lagos artificiais na Praça
(Elaboração própria da autora, 2014)

A presença dos espelhos d'água também atua no microclima do espaço, que se torna mais ameno e menos seco pela presença das áreas de sombreamento e da introdução da umidade no espaço. A água ainda favorece a ampliação da experiência sensorial de utilização do logradouro por seus usuários, a partir da dinamização do espaço com a da movimentação das fontes em funcionamento nos espelhos d'água, que modificam a paisagem de acordo com o ritmo e intensidade de sua vazão. Na figura 14 apresenta-se a percepção do ambiente com o funcionamento das fontes no espelho d'água ativadas. Na lateral sul e na porção leste foram adicionados estacionamentos que avança um pouco para o interior do traçado, mudança necessária para atender a maior demanda de utilização de veículos automotivos. (Figura 15). O monumento da Independência, antes ponto focal do lugar, passou a se encontrar num espaço estreito entre dois amplos jardins, cujo paisagismo não favoreceu sua contemplação. Dessa maneira, retirou-se a função primordial de marco de convergência, algo que frequentemente ocorria em remodelações de espaços públicos (Cullen, 2006:29) (figura 16). Inserido em uma área verde defronte à Igreja Matriz, foi fixado um a cruz latina de madeira, amplamente utilizada durante as celebrações religiosas (figura 17). Os postes de iluminação de média altura em ferro na cor preta mantiveram a linguagem utilizada anteriormente, eclética, tendo sido aproveitados, contrastando com a modernidade proposta em projeto. Apresentavam-se de duas formas, com apenas uma luminária (figura 18) ou com cinco luminárias (figura 19).



Figura 14: Fontes na Praça da Graça
(Arquivo Cosme Sousa, 2010)



Figura 15: Estacionamento na Praça
(Elaboração própria da autora, 2014)



Figura 16: Monumento da Independência
(Elaboração própria da autora, 2014)



Figura 17: Crucifixo
(Elaboração própria da autora, 2014)



Figura 18: Poste de iluminação – modelo 1
(Elaboração própria da autora, 2014)



Figura 19: Poste de Iluminação – Modelo 2
(Elaboração própria da autora, 2014)

O autor do projeto também se utilizou da instalação de obras de artes nas áreas verdes, proposta muito utilizada nas concepções do estilo moderno de construção. Dessa forma, inseriram-se em pontos de vista estratégicos da Praça esculturas de concreto na cor branca, que retratavam a silhueta da mulher nordestina. A figura 20 identifica o contraste entre o branco e a vegetação e a escultura com as formas femininas curvilíneas típicas da região. A figura 21 enfatiza a identidade feminina local com a escultura da “mulher do pote”, típica figura nordestina que vai às margens dos rios buscar água em vasos de cerâmica para a família durante os períodos de estiagem. O marco zero das rodovias municipais também se encontra na Praça da Graça, sendo representado pela pequena escultura observável na figura 22, instalada no extremo de um dos canteiros já na porção sul do logradouro. Dentre as alterações realizadas, foi proposto um novo coreto (figura 23), localizado nas proximidades da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, na lateral esquerda do espaço Praça da Graça.



Figura 20: Esculturas na Praça
(Elaboração própria da autora, 2014)



Figura 21: Mulher do Pote
(Elaboração própria da autora, 2014)



Figura 22: Marco Zero
(Elaboração própria da autora, 2014)



Figura 23: Novo coreto
(Elaboração própria da autora, 2014)

Na porção sudoeste da Praça foi instaurada uma edificação com características vernaculares, feito com madeira de carnaúba e coberta de palha, elementos típicos da região onde funcionava um bar/lanchonete (figura 24). A construção simples fazia parte de um projeto maior de valorização nacional e local que defendia a utilização de itens próprios do sítio em que se encontrava. A nova configuração espacial do logradouro foi, gradualmente, se inserindo na memória coletiva de seus usuários a partir de diferentes apropriações, proporcionadas pelos novos equipamentos urbanos (figura 25).

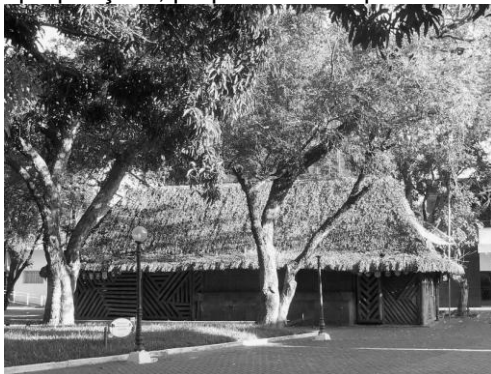


Figura 24: Bar da Praça
(Elaboração própria da autora, 2014)



Figura 25: Apropriação social na Praça
(Acervo pessoal Antônio C. do E. S. 198?.)

Após essa transformação, a praça sofreu pequenas intervenções, mantendo inalterado seu traçado e os equipamentos fixos observáveis até o ano de 2008, quando foi tombada pelo IPHAN, como parte integrante do Conjunto Praça da Graça. No ano de 2012, passou por reformas sendo substituída a pavimentação de pedra portuguesa por bloquetes de concreto intertravado e efetuando-se a reforma dos bancos que passaram a ter acabamento em granito polido. Essa reforma foi financiada pela Prefeitura Municipal de Parnaíba, com valor global de R\$ 435.473,99 reais, totalizando uma área de intervenção de 7.325m² e aprovada pelo órgão fiscalizador do patrimônio, o IPHAN.

4.5 Transformações da Praça e do entorno

O presente item visa analisar as formas edificadas dos perfis urbanos inseridos no recorte espacial desta pesquisa. Considerando que toda obra é concebida para significar algo, repassar uma mensagem, produzindo um discurso permeado de relações de poder político e econômico (Cavalcanti, 1999) e buscando reaver parte da produção arquitetônica que constitui o espaço do objeto de estudo, utilizou-se de desenhos arquitetônicos, constituídos a partir de intensa observação e pesquisa nos acervos históricos e iconográficos do objeto, para simular os conjuntos integrantes dos perfis fronteiriços à Praça da Graça e analisar arquitetonicamente suas singularidades. Dessa forma, as fachadas atuais do objeto de estudo foram redesenhadas com auxílio do computador e de softwares CAD, para melhor compreensão das características físicas e construtivas dos edifícios, observando-os em um conjunto contínuo.

Faz-se necessário, primeiramente, localizar, no plano bidimensional, os perfis que compõem a análise desse trabalho e se encontram em volta do lugar Praça da Graça, em seus dois momentos de configuração espacial. O espaço é formado pelo segmento de fachadas limítrofes às duas Praças, que compreendem o Perfil 01, prolongamento da Rua Riachuelo, Perfil 02, Segmento da Rua Alcenor Candeira (Antiga Rua 28 de Julho), Perfil 03, referente aos frontispícios da Rua Pires Ferreira e Perfil 04, com o conjunto de fachadas da Rua Oscar Clarck (figura 26).

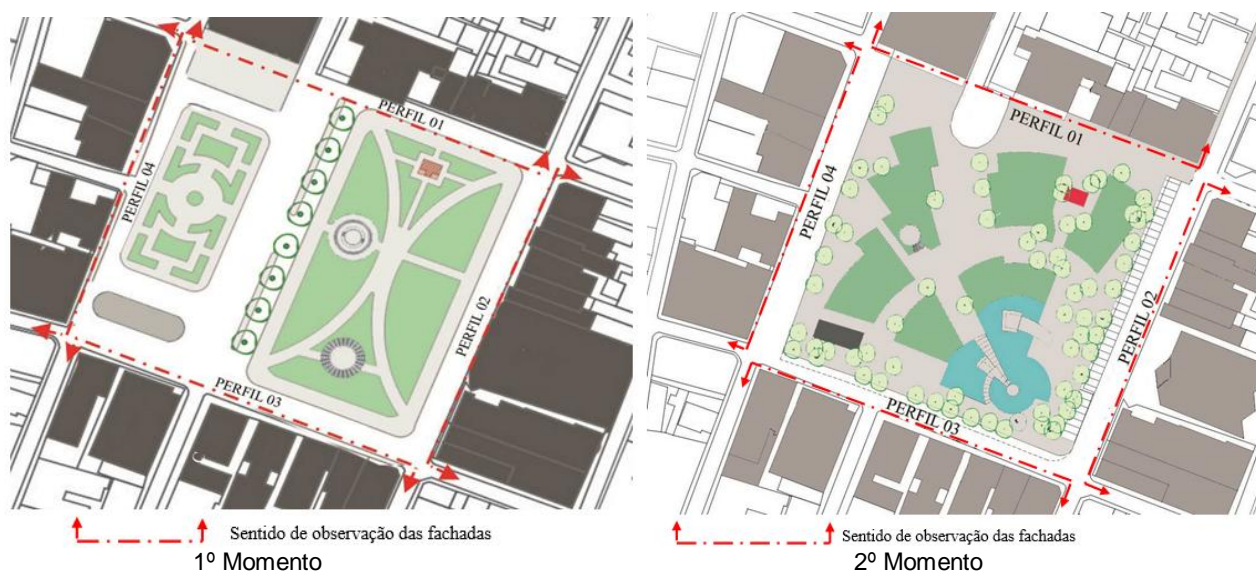


Figura 26: Localização das fachadas no primeiro e segundo momento da Praça
(Elaboração própria da autora, 2014)

Com relação às alterações de traçado em planta, o objeto de estudo se apresentou com duas configurações distintas. Comparando a morfologia do Primeiro momento com o Segundo momento da Praça da Graça percebe-se uma ruptura intensa em termos de traçado e partido projetual. Não foram respeitadas as ligações sentimentais da população com o espaço, lugar de memória, nem com os equipamentos simbólicos existentes como a pérgula, o coreto e o relógio. O primeiro traçado convidava ao livre flunar e contemplação de duas praças distintas. Permitia encontros através das morfologias de suas circulações. Nesse momento, homens podiam circular em um sentido e encontrar ou observar as moças que caminhavam no sentido contrário. Possuía a larga Rua da Glória, onde aconteciam passeadas, desfiles e pronunciamentos. A apreensão visual do entorno não encontrava barreiras. O Segundo Momento unificou os espaços, transformando-os em zonas funcionais de utilização, sombra e interação natural. Não permitia grandes aglomerações populares. A vida social após a década de 70 modificou-se e o traçado da Praça acompanhou tal evolução. Dentre os poucos itens preservados na reestruturação, encontra-se o

monumento à Independência, que embora perdesse sua função de marco, manteve-se no mesmo local. Os postes de iluminação também foram poupados, como se observou durante a análise projetual do Segundo Momento, encontrando-se fora do contexto de modernização e progresso, mas mantendo um pouco da lembrança da Praça consolidada na memória dos usuários e que foi extinta. Novos itens de apropriação transitória foram criados, como o coreto, o bar e os agenciamentos com espelhos d'água.

Com relação às modificações dos perfis das ruas analisadas, pode-se observar que o perfil 01 (figura 27) manteve algumas de suas construções mais relevantes, como a Igreja e preservou o centro paroquial, ambas as edificações ecléticas.

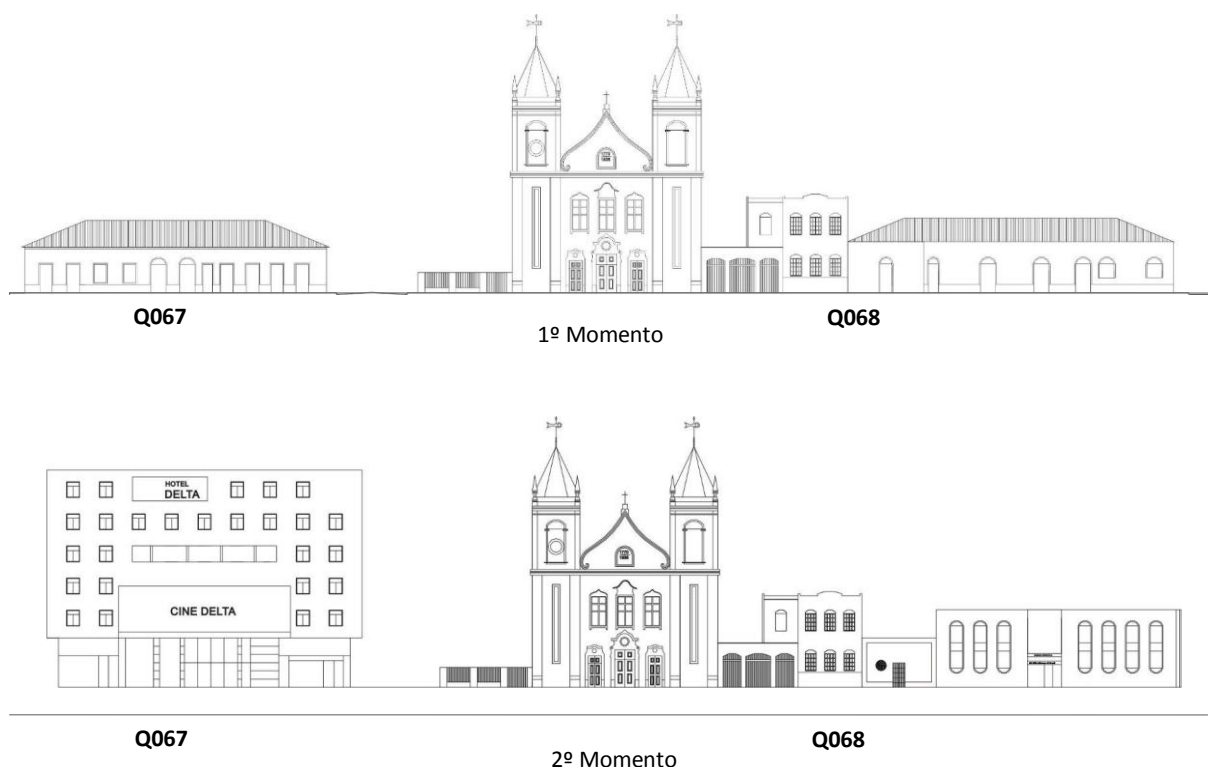


Figura 27: Comparativo entre os dois momentos- Perfil 01.
(Elaboração própria da autora, 2014)

Os contrastes das extremidades ficaram mais evidentes, com as substituições de exemplares coloniais. Na quadra Q067, surgiu um edifício Art Déco, atualmente já descaracterizado, e na quadra Q068, o modernismo encontrava espaço para ilustrar o desejado progresso econômico, social e construtivo. As modificações resultantes da modernidade e as descaracterizações ocasionadas pela função comercial se destacaram no Perfil 02 (figura 28).

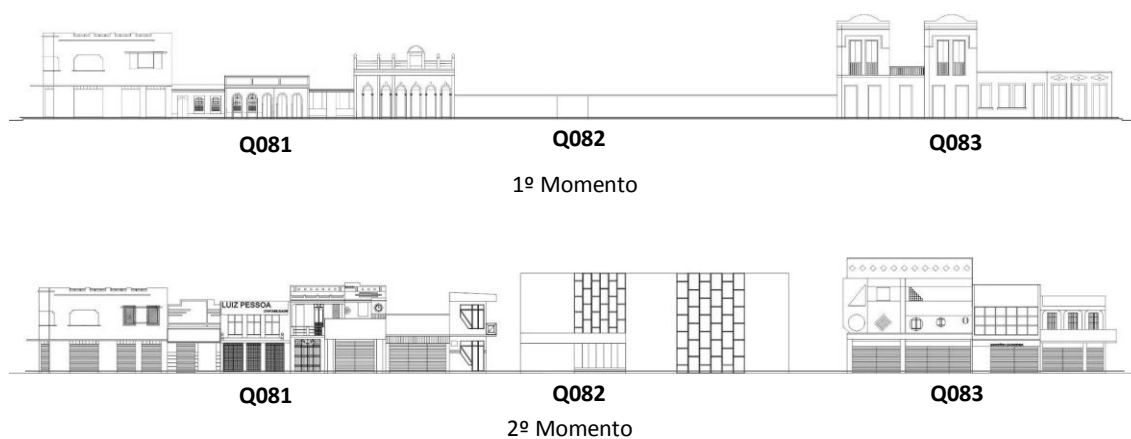


Figura 28: Comparativo entre os dois momentos- Perfil 02.
(Elaboração própria da autora, 2014)

Praticamente todo o perfil foi alterado, apenas um edifício Art Decó se manteve presente nas duas temporalidades analisadas. Surgiram novas tipologias, novos parcelamentos dos lotes existentes e as antigas edificações ecléticas foram eliminadas, dando lugar a exemplares marcantes do estilo moderno. O ponto focal do segmento se altera, passando a ter sua centralidade no edifício da Caixa Econômica. Nota-se que a massa edificada do frontispício da quadra teve seu gabarito de construção modificado, apresentando-se agora com um escalonamento das alturas das construções.

No perfil 03 a quadra 104 preserva a maioria de seus edifícios mas algumas mudanças estilísticas, como no caso do Cine Teatro Éden são inevitáveis, passando de eclético para Art Déco. Já a quadra Q103 sofre intensas rupturas e seus edifícios neoclássicos, com frontões e colunatas passam para a eficiência e rigidez geométrica da arquitetura moderna. Os dois edifícios são eliminados e em seu lugar surgem construções que atestam o poderio econômico financeiro dos bancos, com a utilização de novos materiais, elementos e estrutura formal, conforme apresentado pela figura 29.

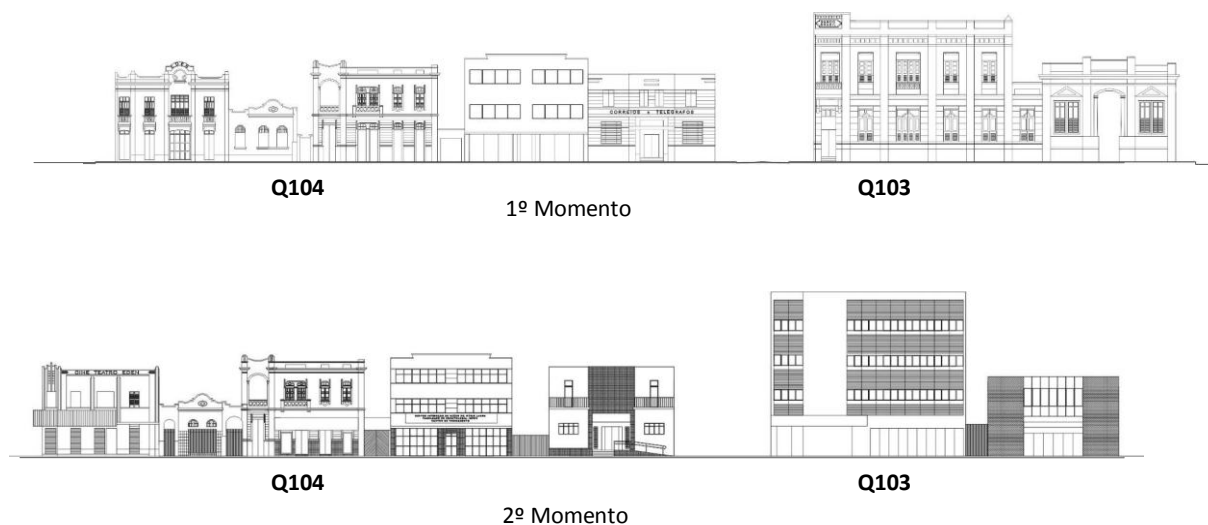


Figura 29: Comparativo entre os dois momentos- Perfil 03.
(Elaboração própria da autora, 2014)

A figura 30 apresenta o Perfil 04, onde extingue-se novamente qualquer resquício do colonialismo a quadra Q097 e preserva-se relevantes edificações ecléticas do séc. XIX.

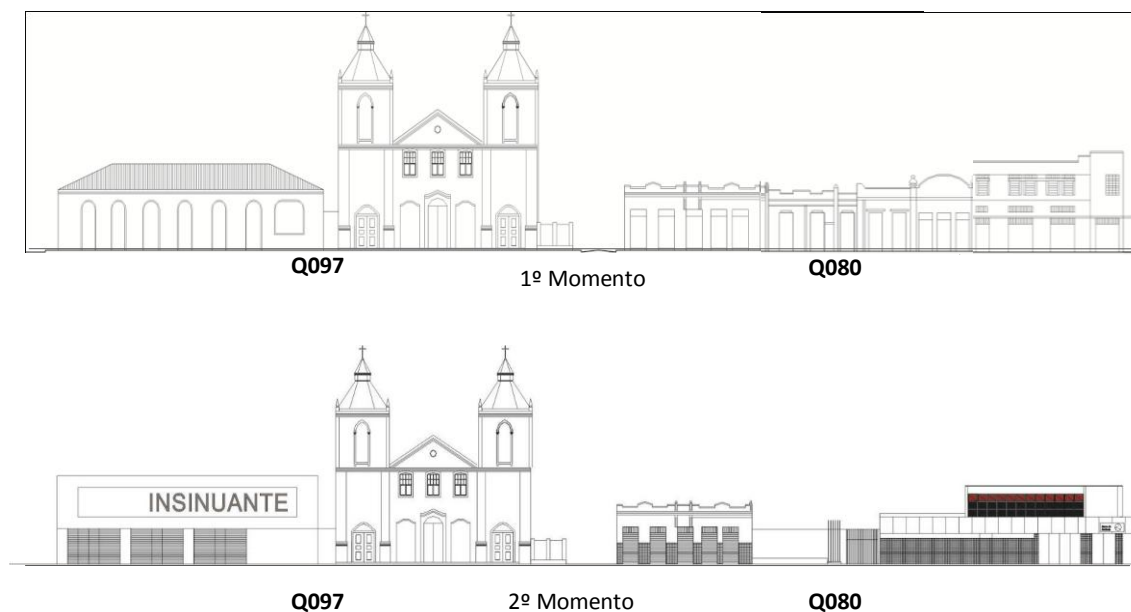


Figura 30: Comparativo entre os dois momentos- Perfil 04.
(Elaboração própria da autora, 2014)

O edifício colonial da quadra Q097 foi substituído por uma construção de características modernas, mas atualmente já descaracterizado, sobretudo pela instalação de publicidade em sua fachada. Edifícios Art Decó na quadra Q080 dão lugar, respectivamente, a um estacionamento e a uma instituição financeira, também adepta da tipologia arquitetônica moderna, provocando um contraste de volumes, silhuetas, e temporalidade dos materiais empregados

A partir do exposto, conclui-se que as diversas modificações urbanas e arquitetônicas ocorridas nas décadas de 70 e 80 faziam parte do pensamento moderno de desvinculação com o passado para realização do “novo”. Essas alterações foram feitas com o sentido político de imprimir sua marca em um logradouro importante da cidade, perpetuando os feitos de uma gestão. Foram realizadas também com a intenção de demonstrar a prosperidade econômica da cidade recuperada após uma intensa crise financeira devido ao declínio do comércio, atrelado ao desuso do transporte naval.

Não se verificaram modificações significativas em relação ao traçado inicial das quadras e implantação das construções nos lotes. As principais modificações nos frontispícios referiam-se à substituição ou adequação de fachadas coloniais por outras de estilos mais recentes, como o Art Decó e o moderno. A preservação de tipologias ecléticas resgata um pouco do cenário perdido com a modificação do traçado da Praça das décadas de 50 e 60. Os tempos evolutivos da cidade ficaram fortemente marcados no panorama dos perfis, onde coexistem, por vezes, simultaneamente, mais de três tipologias arquitetônicas. Verifica-se que a modernização das edificações mais significativas da Praça induziu à transformação do desenho urbano do objeto de estudo

6. CONCLUSÃO

Verificou-se que a arquitetura do entorno, o território da Praça da Graça e o desenvolvimento urbano, político e social da cidade apareceram refletidos no logradouro através das alterações do traçado e das fachadas, fazendo com que na atualidade coexistam em seus perfis arquitetônicos diferentes estilos de construção, materiais e formas, corroborando com o pensamento de Cullen (2006: 29), quando afirma (sobre as cidades de fundação antiga): “apresentando na sua morfologia provas dos diferentes períodos de construção, patentes nos diferentes estilos arquitetônicos e nas irregularidades do traçado é natural que evidenciem uma amalgama de materiais, estilos e escalas.”

As transformações políticas, econômicas e sociais do período apareceram refletidas no panorama urbano através da substituição e alteração da forma do próprio logradouro em si, que passou de eclético à modernista, e pela descaracterização e alteração da forma de seus exemplares arquitetônicos que deixaram de ser de tipologia colonial e eclética e passaram a ser, em sua maioria, Art Déco (estilo de transição) e modernista. Salienta-se que tais conclusões e compreensão das modificações inseridas no objeto de estudo foram possíveis a partir do método de investigação utilizado, que permitiu visualizar e confrontar as alterações da paisagem urbana analisada.

Confirmando o que Le Goff (2013:198) diz, “O moderno tende, acima de tudo, a se negar e destruir.” A febre modernista se fez presente na área analisada especialmente através das substituições arquitetônicas presentes no entorno, que proporcionaram às fachadas estudadas o advento da “modernidade”. As diversas modificações urbanas e arquitetônicas ocorridas nas décadas de 70 e 80 faziam parte do pensamento moderno de desvinculação com o passado para realização do “novo”. Assim, se concretizaram no objeto de estudo modificações de traçado urbano e expurgo de mobiliário e construção civil passado, renovando sua paisagem urbana, possibilitadas pelo desejo político de se modernizar. As práticas adotadas foram de ruptura e total negação da morfologia existente, até mesmo porque o estilo de construir do modernismo tinha essa característica de rejeição, propagado pelas ideologias políticas de progresso.

Essas alterações foram feitas com o sentido político de imprimir sua marca em um logradouro importante da cidade, perpetuando os feitos de uma gestão. Foram realizadas também com a intenção de demonstrar a prosperidade econômica da cidade recuperada após uma intensa crise financeira devido ao declínio do comércio devido ao desuso do transporte naval. A região analisada passou por inúmeras intervenções que levaram às descaracterizações e retiradas de itens de valor sentimental e histórico, devendo ter sua história preservada. A memória de um local repleto de fatos históricos é vital para a compreensão da transformação social.

O presente trabalho não conclui, nem encerra as discussões sobre a Paisagem Histórica Urbana da Praça de Nossa Senhora da Graça, mas antes, aponta caminhos e metodologias que podem ser aplicadas em diferentes escalas de investigação urbana e arquitetônica, abrindo lacunas que deverão ser preenchidas por novas investigações sobre o patrimônio histórico, arquitetônico e urbanístico do município de Parnaíba e de outras regiões.

BIBLIOGRAFIA

CALDEIRA, J. M. (2007). *A praça brasileira*. Trajetória de um espaço urbano: origem e modernidade. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas.

CARDOSO, C.F., MAUAD, A. M. (2010). História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema 1997 In: Cardoso, C. F., VAINFAS, R. (orgs.). *Domínios da história – Ensaio de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus.

CAVALCANTI, L. (1999). *Modernistas, Arquitetura e Patrimônio*. In: PANDOLFI, Dulce. *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV.

CULLEN, G. (2006). *Paisagem urbana*. Lisboa: Edições 70.

LE GOFF, J. (2013). *História e Memória*. São Paulo: Editora da UNICAMP.

LEFEBVRE, H. (2008). *A revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG.

LEPETIT, Bernard (2001). *Por uma nova história urbana*. São Paulo: Edusp.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. (2009). “Fotografias: usos sociais e historiográficos” in PINSKY, Carla Bassanezi & LUCA, Tânia Regina de (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto.

MACEDO, S. (2015). *Quadro do paisagismo no Brasil*. São Paulo: EDUSP.

MARSHALL, B. (2007). *Tudo o que é sólido se desmancha no ar: a aventura da Modernidade*. São Paulo: Companhia Nacional.

MENDES, S. (2012). *Sem medir as palavras: atuações do Jornal Inovação em Parnaíba – PI (1977-1982)*. Dissertação de Mestrado. UFPI, 2012.

PESAVENTO, S. J. (2008). *O imaginário da cidade*. Porto Alegre: Ed. UFRGS.

SERRA, G.(2006). *Pesquisa em arquitetura e urbanismo*. Guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós-graduação. São Paulo: EDUSP.